

TRADUÇÃO DE TEXTOS DE COMÉDIA GREGA ANTIGA

Maria Clara da Cunha Machado¹, Greice Ferreira Drumond²

1. Estudante de IC do Instituto de Letras da UFF

2. Instituto de Letras-UFF – Dep. de Letras Clássicas e Vernáculas / Orientadora

Resumo:

O presente trabalho se propõe a analisar os recursos utilizados em traduções das peças supérstites da Comédia Grega Antiga partindo da análise do prólogo de *Rãs* de Aristófanes, particularmente escolhida por apresentar um debate acerca da produção de peças de tragédia em Atenas no século V a.C.

Para tal, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca do contexto histórico no qual a peça fora composta, o estudo da estrutura dramática utilizada pela Comédia Antiga e das referências tópicas encontradas no prólogo, tais quais: as personagens do panteão grego em cena, a importância da vestimenta e o papel do escravo, a fim de promover uma maior compreensão de um texto composto há mais de 2000 anos e de desenvolver a nossa própria tradução do prólogo da peça para a língua portuguesa.

Palavras-chave: Tradução; comédia grega antiga; Aristófanes.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UFF

Introdução:

Este trabalho tem como objetivo o estudo da Comédia Antiga a partir da análise de traduções do primeiro prólogo da peça *Rãs* de Aristófanes em língua portuguesa.

O prólogo, estruturalmente, é definido, segundo Aristóteles, em *Arte Poética*, como “uma parte da tragédia que a si mesma se basta e que precede a entrada do coro em cena. ”, conhecida como párodo. É importante observar que, embora não trate propriamente da comédia ao apontar essa definição, visto que ele usa a tragédia como exemplo, por considerá-la uma obra de arte superior, a definição de Aristóteles pode ser aplicada também à comédia grega antiga.

Sendo assim, segundo essa definição, *Rãs* é uma peça que apresenta dois prólogos - um que comporta toda a cena entre Dioniso, Xântias e Hércules, bem como o encontro com Caronte, terminando com a aparição do coro de *Rãs* – parte analisada no trabalho; e um segundo prólogo que se inicia após a aparição do coro de *rãs*, terminando com a entrada do coro de Iniciados

Dessa forma, nossa análise tem como intuito não só observar a adequação das traduções existentes em língua portuguesa, mas também propor uma maior aproximação do texto traduzido com o público leitor.

Metodologia:

O trabalho foi iniciado com a escolha da peça *Rãs* e a definição do primeiro prólogo como objeto de estudo. Em seguida, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca do contexto histórico de produção da peça, da estrutura dramática utilizada pela Comédia Antiga e das referências tópicas encontradas no prólogo, tais quais: as personagens do panteão grego em cena, a importância da vestimenta e o papel do escravo.

Em uma segunda etapa, foi realizada a análise de sete traduções do prólogo da peça *Rãs* de Aristófanes em língua portuguesa - sendo estas as dos autores, Américo da Costa Ramalho (tradução portuguesa - 1996), Junito de Souza Brandão (tradução brasileira - 1958), Maria de Fátima Silva (tradução portuguesa - 2014), Marina Peixoto Soares (tradução

brasileira - 2014), Mário da Gama Kury (tradução brasileira - 1996), Tadeu Bruno da Costa Andrade (tradução brasileira - 2014) e Trajano Vieira (tradução brasileira - 2014).

Para a análise, foram considerados os seguintes aspectos: as características próprias do texto teatral; as características específicas da comédia; o entrelace entre as áreas dos estudos clássicos e da tradução; o público ao qual a tradução se volta (leigo, universitário, teatral); e as técnicas de tradução empregadas (tradução filológica, por equivalência, transcrição, teatral).

Resultados e Discussão:

Como qualquer peça de comédia, um dos principais objetivos da produção aristofânica consiste na capacidade de fazer rir. Esse é um aspecto que, junto com o caráter poético e performático do texto, se perde, em boa parte, em uma tradução.

Em *Rãs*, por exemplo, Aristófanes inicia seu prólogo com uma sátira às piadas usualmente empregadas por seus rivais (embora fossem apreciadas e aguardadas pelo público). Porém, essa referência, na qual o autor se utiliza de um padrão típico da comédia antiga ao mesmo tempo em que o critica, se perde para o público de hoje, que não está familiarizado com a frequência com a qual essas piadas de teor, muitas vezes, escatológico, ocorriam nas comédias desse período.

Essa mesma perda também é observada nos ataques pessoais, tão comuns nas peças de Aristófanes. No caso de *Rãs*, todos os tradutores analisados precisam explicar, em notas, quem são as personagens que compõem o ponto principal do drama cômico que consiste em uma disputa poética entre Ésquilo e Eurípedes, autores de peças trágicas do séc. V a.C. conhecidos pelos gregos de seu tempo.

Quanto às referências aos hábitos culturais de Atenas, os tradutores esclarecem, por meio de notas ou de estudos prévios sobre o período, o humor representado em cena. No prólogo da peça, por exemplo, quando Dioniso aparece usando uma túnica de cor açafrão, todas as traduções explicam que se trata de uma vestimenta caracteristicamente feminina e que a graça se encontra no fato de que a personagem pretende se passar por

Hércules, protótipo máximo de masculinidade.

Majoritariamente, as traduções de comédia grega antiga perdem a piada ao ter de introduzir tantas notas de rodapé, objetivando esclarecer aspectos culturais e políticos aos seus leitores.

Existem formas de tradução que permitem aproximar o público do caráter essencialmente cômico do gênero, eliminando, assim, a necessidade de tantas notas. A atualização de piadas para o contexto moderno, por exemplo, é uma possibilidade, quando se propõe atingir um público leigo. Por outro lado, a tentativa de manter a criação de palavras empregadas por Aristófanes no texto em grego, a estrutura da sintaxe da língua grega, bem como a utilização de vocábulos específicos, muitas vezes causa confusão e dificulta o entendimento da trama, até para aqueles leitores já familiarizados com a peça e com o estilo da comédia de Aristófanes, mas é um meio de se levar o leitor até o autor.

Conclusões:

Compreendemos, com nosso estudo, que traduções com uma linguagem mais atualizada podem ser uma boa e adequada opção para atingir um público leigo, visando introduzi-lo no universo da comédia grega antiga. Entretanto, para o público universitário – principalmente se composto por estudantes de grego no início do curso, quando ainda não são capazes de ler o texto em grego – é importante que existam as traduções mais próximas do texto original, não apenas por se esperar que este tipo de leitor já apresente ou esteja disposto a procurar conhecer o contexto no qual a peça estava inserida (um objetivo atingido através de levantamentos bibliográficos, como os feitos durante esse trabalho, e das notas contidas nas próprias traduções), mas também por apresentar um texto traduzido muito próximo do que foi originalmente elaborado, sem o apagamento das referências míticas e políticas inerentes à constituição do mundo pela perspectiva cômica.

Com isso, propomos elaborar uma forma alternativa de tradução que tente manter o humor e que, ao mesmo tempo,

seja “fiel” ao texto.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Tadeu Bruno da Costa. **A arte de Aristófanes: estudo poético e tradução d’Rãs**. 2014. 323 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ARISTÓFANES. **As rãs**. Tradução de Américo da Costa Ramalho, Coimbra: Edições 70, 2008

_____. **As rãs**. Tradução de Junito de Souza Brandão, Rio de Janeiro, Baptista de Souza & Cia., 1958.

_____. **As rãs**. Tradução de Maria de Fátima Silva, Coimbra, Imprensa da univerisdade de Coimbra, 2014.

_____. **As rãs**. Tradução de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, 3ª edição, Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **As rãs**. Tradução de Trajano Vieira, São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BARBOSA, Leandro Mendonça. O estrangeiro e o autóctone: Dioniso no mediterrâneo. **Mare Nostrum**, São Paulo, ano 2, n. 2, 2011.

DUARTE, Adriane da Silva. Duas cenas de travestimento na comédia de Aristófanes. In: CARDOSO, Zélia; DUARTE, Adriane. **Estudos sobre o teatro antigo**. São Paulo: Alameda, 2010

_____. Variações em cenas típicas da comédia aritofânica: o prólogo d’As rãs. In: SANTOS, Marcos Marinho. **1º Simpósio de Estudo Clássicos da USP**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. Guerra do Peloponeso. In: MAGNOLI, Demétrio. **História das guerras**. 3d. São Paulo: Contexto, 2006. p.19-46.

HESÍODO. **Teogonia – A origem dos deuses**. Tradução de Jaa Torrano, São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.

POMPEU, Ana Maria César. O feminino em Aristófanes: uma ausência em Cavaleiros?. In:

CARDOSO, Zélia; DUARTE, Adriane. **Estudos sobre o teatro antigo**. São Paulo: Alameda, 2010

SCHLEIERMACHER, Friedrich E. D. **Sobre os diferentes métodos de traduzir**. Princípios, Natal, v.14, p. 233-265 jan/jun, 2007. (tradução de Celso Braida)

SILVA, Maria de Fátima. Um deus em busca de identidade: Dioniso em Rãs. **Minerva: Revista de filologia clássica**, nº 20, 2007, págs. 53-64.

_____. **Crítica do teatro na comédia antiga**. 1. ed. Instituto Nacional de Investigação Científica. Coimbra, 1987.

SILVA, Maria de Fátima; OLIVEIRA, Francisco. **O teatro de Aristófanes**. Coimbra: Faculdade de Letras, 1991.

SOARES, Maria Peixoto. **As rãs, de Aristófanes: introdução, tradução e notas**. 2014. 240 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.